

“O QUE SERÁ?” ATIVIDADES DE ESTIMULAÇÃO SENSORIAL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA CEGA

GT 9: INFÂNCIAS E CRIANÇAS

Relato de experiência

Zayre Almeida de LAVOR (Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI/UFMT)

zayre.lavor.ufmt.t4@gmail.com

Márcia dos Santos FERREIRA (Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI/UFMT)

marcia.ferreira1@ufmt.br

1 Introdução

O objetivo deste relato de experiência é discutir aspectos da estimulação sensorial e sua importância no desenvolvimento da criança cega. Este relato integra uma pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional, da Universidade Federal de Mato Grosso (PROFEI/UFMT), na linha de pesquisa Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, cujo objetivo geral é compreender as relações entre a estimulação essencial e a alfabetização de crianças cegas.

A atuação profissional como professora estimuladora e alfabetizadora, atendendo crianças entre 6 meses a 12 anos de idade no Instituto dos Cegos do Estado de Mato Grosso (ICEMAT), desde 2018, enfatiza a importância do trabalho da estimulação para o desenvolvimento da criança cega e contribui, também, para a ampliação da compreensão que as famílias possuem sobre as potencialidades de desenvolvimento de suas crianças.

Neste relato, acompanhado de revisão bibliográfica sobre o tema, é focalizada uma atividade de estimulação sensorial, denominada “O que será?”, que foi desenvolvida com uma criança cega congênita de 7 anos de idade, voltada ao desenvolvimento de habilidades motoras e de identificação de alimentos, no caso, frutas *in natura*.

2 O desenvolvimento da criança cega e a estimulação sensorial precoce

A literatura acerca do tema da deficiência visual relata as restrições ao desenvolvimento seguro e confiante da criança cega e com baixa visão, aspecto que interfere no conhecimento dessa criança sobre o próprio corpo e na inter-relação entre ela e as coisas e as pessoas no ambiente (Brasil, 2004).

Cunha, Enumo e Canal (2006) destacam que uma das principais dificuldades que a criança com deficiência visual enfrenta, no que se refere ao desenvolvimento cognitivo, diz respeito à lacuna na apreensão dos estímulos devido à ausência da percepção visual. É sabido que a percepção visual é o principal canal de veiculação e acesso às informações que serão, posteriormente, utilizadas para construção das representações da criança sobre o mundo.

De acordo com Lima (2018, p. 5),

(...) a visão deflagra o desenvolvimento motor e é um instrumento que acentua as habilidades mentais, um construtor de conceitos espaciais, um instrumento quando adquirimos a linguagem e um meio de desenvolver as relações emocionais. A visão também guia o seu próprio desenvolvimento. A criança aprende a ver, vendo.

O autor também destaca a importância da estimulação adequada nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento da criança:

Quando a criança recebe estímulos adequados e apoio nos primeiros anos de vida, terá por volta dos 4 anos de idade um desenvolvimento bem aproximado de uma criança com visão normal. É fundamental que ela frequente a escola, para garantir um adequado desenvolvimento social e de aprendizagem. (Lima, 2018, p.41)

A interação com o mundo que a rodeia proporciona o aprendizado, por isso é fundamental que os demais sentidos da criança cega sejam explorados, tais como o paladar, o olfato, a audição e o tato. Essas outras vias sensoriais estimuladas adequadamente e precocemente podem compensar em grande medida a falta da visão de maneira a não alterar seriamente o desenvolvimento evolutivo geral da criança.

Conforme Fuente (2003), o termo estimulação precoce refere-se a determinadas formas de intervenção educativa utilizada com crianças durante os três primeiros anos de vida. Nesta etapa, o desenvolvimento neurológico está se desenvolvendo e depende diretamente da atividade sensorio motora de cada criança, sendo assim, “uma intervenção intencional de um adulto favorecerá a interação do bebê com o seu meio, facilitando suas aprendizagens, mas também servirá para prevenir, em muitos casos, lacunas ou deficiências e potencializará as suas capacidades cognitivas” (Fuente, 2003, p. 161).

Como já mencionado, a informação chega em maior quantidade ao ser humano pela visão direta ou indiretamente. Neste sentido, quando um bebê nasce sem ela não terá acesso a estimulação luminosa, tampouco a proporcionada pelo conhecimento do espaço imediato (manipulação, percepção de distâncias, reconhecimento de formas e tamanhos etc.). Então, em consequência, explica Fuente (2003, p. 162):

(...) o bebê cego não-estimulado receberá menos informações que um bebê vidente, sendo as suas experiências menos variadas, terá dificuldade de explorar o ambiente ao

seu redor, aprender por meio da imitação e estabelecer relações com objetos e outras pessoas (compreender o mundo que vai além do seu próprio corpo).

Partindo desses conhecimentos os profissionais que atendem às crianças com deficiência visual, seja precocemente ou não, precisam conhecer quais são as necessidades que a criança traz. Cada criança tem o seu desenvolvimento particular, no qual incidem dois tipos de necessidades: as da criança e as dos pais.

O atendimento a uma criança cega incluirá condutas do profissional relacionada ao comportamento visual. Dentre essas condutas, Fuente (2003) cita algumas, como: a necessidade de estabelecer vínculo com a mãe, necessidade de estimulação tátil e auditiva, necessidade de explorar ativa e espontaneamente, necessidade de manipular objetos a fim de que possa ter acesso ao mundo exterior, necessidade de adquirir habilidade de comunicação, entre outras.

3 Relato de experiência: estimulação sensorial para o desenvolvimento de habilidades motoras e de identificação de alimentos

Sabendo da importância da estimulação sensorial precoce, fomos à prática com a atividade “O que será?”, desenvolvida com um aluno cego de 7 anos. O material acessível utilizado na atividade foi criado pela pesquisadora, que consiste em seis potes de plásticos fixados numa placa de E.V.A. grossa. A atividade se inicia pela exploração do sentido da audição, através apreciação da canção “Pomar”, do grupo Palavra Cantada.

O aluno foi indagado sobre o significado da palavra “pomar” e ele não soube explicar o que era. Foi feita, então, uma relação das plantas frutíferas, citadas na canção, com uma área verde do ICEMAT onde há uma variedade de árvores frutíferas. Ele identificou a mangueira e a bananeira citadas na canção e que existem no pomar do Instituto.

O objetivo da atividade utilizando este material e a canção foi explorar os sentidos táteis, olfativos e o paladar, além de desenvolver a coordenação motora fina, trabalhando a musculatura da mão e percepção de força, através de uma brincadeira, que consistia na abertura de potes com diferentes frutas dispostas dentro deles, cortadas em pequenos pedaços. Nessa atividade, era verificada a habilidade da criança para abrir os potes e, também, para identificar, através do olfato, seguido do paladar, quais eram as frutas. Além disso, a criança precisava relacionar a fruta experimentada com a fruta inteira *in natura*.

Importante destacar que nessa atividade, dada a especificidade da criança, foi utilizada a audiodescrição como apoio da narrativa, para que fossem verificados os conhecimentos da criança quanto à construção da imagem e seus conceitos.

A partir da exploração, apresentadas as coordenadas para a identificação do nível de compreensão com relação à temática, a criança iniciou demonstrando dificuldade para abrir os primeiros 3 potes de um total de 6, sem ajuda. Foi necessário a realização do movimento coativo, para estimulá-la a entender como realizar a abertura dos potes.

As frutas trabalhadas na atividade foram: banana, pera, maçã, melão, tangerina e laranja. A banana e laranja foram inicialmente identificadas, utilizando o sentido do olfato. Aceitou degustar apenas uma das frutas, demonstrando bastante sensibilidade às diferentes texturas. Não conhecia a forma das frutas inteiras *in natura*.

Aceitou comer a banana e solicitou ajuda para descascá-la, pois não sabia fazer de forma independente o movimento.

Conseguiu relacionar a cor à duas das frutas trabalhadas.

Dada a circunstancia da criança não conhecer as frutas *in natura*, a atividade também foi aproveitada para exposição das diferenças e semelhanças entre algumas frutas. Exploramos os tamanhos, o peso, formatos, texturas, cores e a forma de consumo de cada uma delas.

O aluno apresentou dificuldade no movimento de descascar a tangerina no movimento e força para retirar a casca, demonstrou não saber a forma correta de segurar a faca, então o movimento foi explicado e demonstrado que pode ser desenvolvido para descascar e cortar a laranja, o melão e a pera. Também foi ensinado a cortar no prato rodelas da banana. A criança relatou que era a primeira vez que utilizava a faca, pois sua mãe nunca o deixou cortar nada.

Com movimento coativo orientei sobre a forma correta de segurar o cabo da faca, a direção e a força que precisava impor sobre a banana para cortá-la em rodelas. Ele não entendeu, pois não conhecia a palavra rodelas.

Então, foi solicitado que ele, após realizado o corte, tocasse na fruta e percebesse o formato que ficou, identificando-o com um círculo. Então, foi explicado que rodela é o nome dado ao pedaço de fruta ou outro alimento cortado em forma circular.

A atividade encerrou com a degustação da banana, cortada em rodelas pela criança, com utilização do garfo, outra habilidade explorada, já que ele ainda está desenvolvendo o processo de autonomia para aprender a comer sozinho.

4 Reflexões sobre a experiência

A atividade demonstrou que a criança não conseguiu realizar a construção da imagem de algumas frutas, pois não havia construído até o momento seus conceitos, o que indica que ele precisará vivenciar mais atividades que o possibilitem a ação do movimento, para se alimentar sozinho, conhecendo os alimentos não apenas pela forma reduzida e pronta para o consumo na sua boca.

Para Bueno (2003), é importante que a criança cega inicie mais cedo possível a manipulação do corpo para que com esses estímulos motores a criança aperfeiçoe os movimentos até que executem de forma natural e se tornem significativos para ela. Seu corpo precisa experimentar a totalidade da ação e o adulto deve ajudar a criança a executá-las com mais precisão.

No desenvolvimento dos conceitos é fundamental o processo de percepção e discriminação de semelhanças e diferenças entre objetos. Cobo, Bueno e Rodriguez (2003, p.114), ressaltam que

a formação de conceitos realiza-se por meio de processos, a abstração, que implica em capacidade de perceber discriminar e abstrair semelhanças a partir de vários objetos e atribuir uma palavra ou etiqueta a ideia ou semelhança abstraída e à generalização, que implica em aplicar as semelhanças ou propriedades abstraídas a uma nova exposição do conceito em questão.

Assim, percebe-se a importância da criança o quanto antes vivenciar várias experiências realizando tarefas variadas relacionadas à classificação, coordenação, explorações sensoriais e raciocínio, para auxiliá-la quanto a assimilação das características e variedades dos conceitos, já que com a falta de visão a criança levará mais tempo para formar conceitos abstratos.

Pensar em uma construção de aprendizagem diferenciada para os nossos alunos requer intervenção pedagógica que vá além do uso do livro didático, mas pensando a partir das diferenças e necessidades individuais, criando recursos que garantam o desenvolvimento das potencialidades da criança para o aprendizado.

A ampliação dos recursos para que ele conheça os alimentos e os manipule para o consumo se destacam essenciais para a construção de muitas habilidades, um repertório de mundo. A estimulação pode trazer enredos tão densos quanto ao que demonstrou conhecer até aqui.



5 Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização**. Deficiência visual. Educação Infantil. vol. 08. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

BUENO, Salvador Toro. Motricidade e Deficiência Visual. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro (Coord.). **Deficiência Visual**. São Paulo: Livraria Santos, 2003. p. 145-154.

COBO, Ana Delgado. BUENO, Salvador Toro. RODRIGUEZ, Manuel Gutiérrez. Desenvolvimento Cognitivo e Deficiência Visual. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro (Coord.) **Deficiência Visual**. São Paulo: Livraria Santos, 2003. p. 97-115.

CUNHA, A.C.B.; ENUMO, S.R.F.; CANAL, C.P.P. Operacionalização de escala para análise de padrão de mediação materna: um estudo com díades mãe-criança com deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.12, n.3, p. 393-412, 2006.

FUENTE, Begona Espejo de La. Atendimento Precoces. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro (Coord.). **Deficiência Visual**. São Paulo: Livraria Santos, 2003. p. 161-175.

LIMA, ELIANA CUNHA. **O aluno com deficiência visual**. Fundação Dorina Nowill para Cegos. 2018. Disponível em: <https://trocandosaberes.com.br/wp-content/uploads/2023/09/Cartilha-O-aluno-com-deficiencia-visual.pdf>. Acesso em 06/09/2024.

APÊNDICE



Fonte: Registros da atividade realizada pela professora